

Historiar e comparar literatura como meio e análise de comunidades. Espaços literaturizados como exemplo e proposta*

Historicizing and comparing literature as a means and analysis of self-assessment communities. Literature spaces as an example and proposal

Elias J. Torres Feijó

Universidade de Santiago de Compostela – Santiago de Compostela – Espanha



Resumo: O objetivo do presente texto é sugerir e convidar para uma reflexão sobre a historiografia e o comparatismo literários no que diz respeito à sua viabilidade, eficácia e utilidade. E, também, convidar para pensar outras formas de estudar a literatura que possam ser relevantes e práticas e relacionáveis com a sociedade, entendendo a literatura como parte da cultura e dos processos sociais e analisando-a como um meio que permita produzir conhecimento sobre aspetos sociais. Farei uso, neste sentido, e de maneira sintética, de dois casos em que comunidades podem ver-se afetadas por determinados usos do literário (no caso, *Cien Años de Soledad*, de García Márquez e *O Diário de um mago*, de Paulo Coelho) através do vínculo entre espaços geo-humanos e geo-culturais e discursos literários; historiar e/ou comparar processos deste tipo pode oferecer uma linha de pesquisa importante para entender (diversos rôis) da literatura nas sociedades e deitar luz sobre os modos de pensar, classificar e atuar das comunidades em foco.

Palavras-chave: Espaços literaturizados; Comunidades; Estudos da cultura

Abstract: This paper aims to suggest and to invite to reflect on the Literary Historiography and Comparatism in relation to their viability, efficiency and usefulness. I would like to contribute, at the same time, to think about other ways for studying Literature, relevant and practical for society, understanding literature as a part of culture and wither social processes to be analysed as a means for delivering knowledge on social issues. I will bring for this purpose the cases of two different communities affected for specific usages of the literary by the links between geo-cultural and geo-human spaces with literary discourses *A Hundred Years of Solitude*, by Gabriel García Márquez and Paulo Coelho's *The Pilgrimage*. To study and compare this kind of processes could contribute to a research line relevant for understanding the different roles of literature in society, and to shed light on the ways the focused communities have to think, classify and act.

Keywords: Literaturized spaces; Communities; Studies of the culture

Calculo que, nos últimos vinte-e-cinco ou trinta anos, foi notável o incremento quantitativo e qualitativo, relativo e absoluto, de *scholars* dedicados à reflexão sobre o sentido, usos, utilidades, pertinência, etc. das disciplinas vinculadas aos estudos literários, ao menos

no âmbito ocidental. Igualmente, tenho a impressão de que cresceram significativamente os trabalhos que estudam literatura relacionada ou comparada com outras dimensões da produção cultural (salienta provavelmente por cima de qualquer outro, o caso do cinema). E, também, deteta-se a existência de um olhar mais cultural e/ou mais social sobre a literatura de que são reflexo os *Cultural Studies*; como a antropologia literária, a mais histórica, confusa e complexa sociologia da literatura e as relativamente recentes orientações *geografistas* ou de atenção ao espaço (cfr., por exemplo, Cabo

* O presente artigo faz parte do projeto de investigação “Discursos, imagens e práticas culturais sobre Santiago de Compostela” como meta dos Caminhos de Santiago do grupo Galabra da USC, subsidiado pelo Ministério de Economía e Competitividade, de referência FFI2012-35521, e polo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional 2007-2013 (FEDER).



Aseguinolaza, 2011, em que o autor revisa a denominada “Viragem espacial” na Historiografia Literária nos últimos anos)) e as propostas de análise da denominada *literatura mundial*, que conheceram um impulso importante a partir da criação da World Literature Association e o seu primeiro congresso na Universidade de Beijing, “The Rise of World Literatures”, em 2011. Todas elas, tentando abrir caminhos e, alguma delas, se eu as analisar corretamente, à procura de (maior) relevância dos assuntos, das pesquisas e, talvez, d@s *scholars* envolvid@s e das suas instituições; em casos, como o da *literatura mundial*, por exemplo, elaborando âmbitos de diplomacia e benefício culturais não desprezíveis no conjunto.

Debate metodológico houve sempre, sobretudo a partir do século XVIII, em que as discussões sobre os limites e âmbito das disciplinas afetaram o campo das ‘belas letras’ mas parece claro que na atualidade esse debate está presente conforme ilustram as linhas antes referidas, a que se une a discussão sobre o próprio *métier*, perante a alerta que expressam fenómenos como a crescente falta de peso social da crítica literária, o desaparecimento de barreiras sólidas entre o que funcionava como de alta qualidade versus de baixa qualidade, a emergência de novas produções culturais dos estudos de literatura como legítimas que contam com a progressiva adesão de setores que antes protegiam a *distinção literária*, a perda de horas e categoria nos currícula escolares da educação não universitária, o maior prestígio social do mundo das ciências experimentais e da saúde, das tecnológicas e do âmbito de determinadas ciências jurídicas e sociais. Pense-se, por exemplo, que quando se vincula o estudo da literatura a outra produção ou esfera, na realidade, a relevância do objeto costuma estar dada pela segunda parte do par, seja ele a paisagem ou vídeo-jogo. A história da literatura perde peso e, mesmo, pode achar-se em risco de deixar de funcionar como (a) alegoria da nação (tentei mostrar isto em TORRES FEIJÓ 2012). Novos saberes aparecem sendo impulsados nas esferas sociais e escolares; novas fórmulas de alegorias e de coesão da nação (da TV às esferas desportivas¹) avançam e quebram antigas legitimidades.

Deste ponto de vista, as propostas reflexivas sobre os trilhos a seguir nos estudos literários manifestam o desejo de não virar a cara perante o que constitui problemas; aparecem, destarte, duas classes de estratégias: elas podem portar procuras para sair deles, fugidas, reorientações, abandonos... Em matéria de fugidas e

abandonos, além da perspectiva de quem julga, está também presente a legitimidade do vínculo estabelecido com o ponto de chegada após a partida e o sentimento de pertença ou proximidade; quero dizer: se, por exemplo, a parte com quem estabelecer o vínculo for o cinema, a sua legitimidade é mais plausível, talvez porque, usando algumas ferramentas de classificação cinematográfica, permite ainda a manutenção de um discurso impressionista e subjetivo, próprio de muitas análises e críticas literárias (análise e crítica não têm assim tão fácil distinção, exemplo do confucionismo entre elas, todas vinculadas à produção de valor); polo contrário, outra classe de estratégia é a de entender a literatura vinculada a práticas sociais, o qual pode reclamar o auxílio, verdadeiro, de outras disciplinas e a aplicação de métodos e metodologias próprias das ciências sociais ou experimentais, o que implica situar-se fora do âmbito dos denominados estudos literários; quiçá, *doxas* de campo à parte, tenham razão: esses estudos põem em causa várias das colunas que sustentam o espido edifício dos estudos literários: colocam ao nu o subjetivismo e a opinião por princípio que sustentam boa parte desses estudos, manifestam que a relevância dos textos ou autor@s não está no discurso dos críticos e os *scholars* nem ela está definida por serem eleitos para serem estudados (ainda que seja relevante estudar como se tenta construir o relevante); enfrentam o conceito errado de objeto de estudo que nesses estudos é transmutado em *corpus* ou *tema*, sem método e ao sabor de quem faz o discurso.

Penso que o que sucede é que os estudos literários, entendidos como um discurso sobre outro discurso percebido como artístico, não são já importantes, nem confiáveis nem úteis como disciplina regrada; e, desde que as sociedades e os estados têm e funcionam com outras muitas formas de articulação, produção de coesão e identidades, só sobrevivem ao amparo de *doxas* e tradições. Ora, como insinuarei aqui em alguma dimensão, pode haver um trânsito bem sucedido desde a aprendizagem feita nessas áreas de estudos literários para outros modos de estudo e outros objetos de estudo (cfr. TORRES FEIJÓ, 2011a e 2013).

É possível uma história da literatura confiável? Historiar e comparar a literatura como meio

Para o caso da elaboração de histórias da literatura e o comparatismo, acho aplicáveis algumas das reflexões anteriores e, sobretudo, algumas consequências. Assim, acho que só poderemos elaborar histórias da literatura confiáveis com métodos e critérios de seleção do corpus e de análise. No conhecido debate sobre se é possível uma história e como ela pode ser possível, eu fico do lado

¹ Para o caso brasileiro, o antropólogo e professor Édison Gastaldo afirmava sobre a Copa do Mundo de 2014 que estava decorrendo no Brasil: “a Copa do mundo é o momento mais importante de celebração da nacionalidade brasileira”. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3315&ecao=334>.

de quem acha que essa história é inviável, exceto que estude a atividade literária com determinados e explícitos parâmetros, que lhe permitam recolher, quantificar, classificar e situar os fenômenos deles derivados segundo os critérios selecionados; e sempre que os indicadores utilizados possam ser verdadeiramente objetivados. Ultrapassando qualquer arbitrariedade pesquisadora nas escolhas, uma história que vise essa finalidade, deve optar por estudar a atividade literária num espaço social dado ou dum espaço social dado, entendendo esta última dependência como aquilo que as elites culturais elaboradoras de uma dada propriedade literária coletiva patrimonializam, aquilo de que se apropriam e invocam como o bom, o belo, o verdadeiro ao longo dos tempos e que a comunidade, de regra por via impositiva formal (leis, escola) e informal (comemorações, mídia) acaba por assumir como naturalmente próprio, bom, belo, verdadeiro, aquilo que acaba por ser consensualmente (no sentido gramsciano, GRAMSCI, 1966) imposto como a tal alegoria mais sublime da nação. Parâmetros, quantificação possível e efetiva são chaves para essa história.

Uma história da literatura sem base empírica e relacional parece-me pouco útil, além do caráter informativo que possa ter e que a aproxima dos dados contidos num dicionário de literatura. Uma história da literatura que se imponha como grande narrativa ou se apresente como explicação holística não é possível; só definindo objetivos e objetiváveis parâmetros de seleção poderia ser assumida a tarefa, mas deixaria de ter o tal caráter holístico ou de grande narrativa. As tentações de fazer histórias da literatura como alegorias nacionais são pensáveis se se definir previamente a nação e as suas hierarquias, e como vão ser selecionadas e estudadas as produções de valor mais relevantes... Noutros lugares tentei analisar alguns aspetos deste tipo relativos à historiografia da literatura portuguesa (TORRES FEIJÓ, 2012 e 2014a).

No que diz respeito ao comparatismo, acho que há muitos trabalhos analíticos por fazer (por exemplo, no âmbito de língua portuguesa, carecemos de estudos de conjunto comparados sobre o evoluir de sistemas literários veiculados em português ainda que a principal carência possa estar na escasseza de vontade de atendimento ao Outro/à Outra, e na carência de objetivos académicos de diplomacia cultural; e, claro à falta de boas análises a respeito da trajetória desses sistemas sobre as bases antes enunciadas) sobre, por exemplo, o comportamento de diversas elites nas construções identitárias e nas coesões e formas de coesão das comunidades (entendo por comunidade qualquer conjunto social vinculado, delimitado e regulado por fatores que constituem normas de acesso ou exclusão: um concelho, um país,

um condomínio, um grupo de amig@s, uma associação cultural, etc.). E opino, igualmente, que, além de frutíferas interpretações derivadas, por exemplo, da comparação de diferentes produções artísticas, há um espaço extraordinário e, talvez, extraordinariamente rendível, na comparação e no estudo das relações entre utentes de (determinados) textos literários e ações sociais destes ou de setores homólogos; ou, mais modesta e restritamente, entre as práticas das pessoas e as ideias veiculadas em textos literários. Por exemplo, em como vêm, como se comportam e que fazem as pessoas brasileiras que visitam Santiago de Compostela e em qual medida isso pode ser relacionado com os textos de Paulo Coelho: relacionando práticas e visões homólogas que permitam identificar eventualmente perfis e setores sociais, através de trabalho empírico, análise relacional, etc., e superando conceitos dificilmente demonstráveis como o de ‘influência’ (numa relação de causa-efeito e mais, se for direta, e não de correlato). Esta classe de estudos pode, aliás, mostrar a sua relevância não apenas na abrangência real do conhecimento, mas na confiabilidade de resultados, e na sua transferência e aplicabilidade para melhorar, ponhamos outra vez por caso, a qualidade de vida ou os modos de vida das comunidades locais afetadas por essas práticas.

Tendo em vista comunidades ou grupos sociais e os seus processos, podemos estudar literatura ocupando-nos, por exemplo, dos imaginários que ela cria e criou e da sua evolução; das homologias entre discursos e práticas, entre os grupos relacionados com aqueles e/ou estas, e as diversas hierarquias de interesses e identidades que possam ser estabelecidas.

No quadro do grupo de investigação que coordeno, trabalhamos nessas direções, tentando desenvolver ferramentas metodológicas de análise para a definição e focalização de objetos de estudo que apresentem elementos de relevância para setores sociais, quer seja em pesquisa básica ou aplicada. Isto pretendemos no Projeto de pesquisa no Grupo Galabra “Discursos, imagens e práticas culturais sobre Santiago de Compostela como meta dos Caminhos de Santiago” (“Discursos”). Instrumentos como os aludidos e outros têm, para nós, importância no seu desenvolvimento e aplicabilidade e são objeto de teste para conhecer a sua funcionalidade: como as comunidades podem manter coesões através de identidades compartilhadas ou como podem perder parte ou toda essa coesão identitária que as pode conduzir ao desaparecimento ou à desagregação (sustentabilidade identitária; vid. BELLO VÁZQUEZ, 2013; TORRES FEIJÓ, 2013b); e que garante a estabilidade dessa comunidade em termos identitários e a sua duração no tempo (suficiência sistémica); quais as formulações que os grupos ou pessoas duma comunidade realizam

para corrigir o que julgam insuficiências da identidade comunitária (défices projetivos; cfr. TORRES FEIJÓ, 2000); como há decisões que as pessoas tomam por razões identitárias que se prendem com a sua esfera afetiva e não racional e que incidem, por vezes de maneira decisiva, na coesão comunitária (afetividade identitária), quais o conjunto de elementos que nutrem a identidade e/ou a coesão duma comunidade, como se distribuem segundo setores, afetividades, etc. e qual a ordem, relacional, que para cada pessoa ou setor têm (hierarquias identitárias e/ou de coesão); em qual medida podem ser deduzidas semelhanças entre práticas e discursos (de qualquer tipo), entre diversos âmbitos, que permitam elucidar ideias e comportamentos e estabelecer perfis sócio-económicos, culturais, simbólicos, estruturais, etc. de diversos conjuntos populacionais ou repertoriais (homologias), etc².

E, em todas estas e outras muitas dimensões, cabe a pergunta a respeito de qual o papel da literatura? Como elaboradora, fabricadora, distribuidora de ideias que incidem ou, mais alargada e precisamente, se relacionam com os modos de pensar e atuar de pessoas e grupos, duma comunidade ou numa comunidade, própria ou alheia (para esta linha de pensamento sobre a literatura, podem ler-se LOTMAN, USPENSKIJ, 1978 e EVEN-ZOHAR, 2010).

Por estas razões sugiro virar o nosso olhar vinculado aos estudos da literatura a aspetos em que esta, potencialmente, possa representar alguma relevância para o conhecimento e/ou a vida das pessoas ou possa deitar luz sobre outros processos sociais com que ela, de algum modo, se relaciona. O que estou sugerindo, pois, é historiar e comparar não “a literatura” mas processos em que a literatura desempenhe (ou não; conhecer a relevância da literatura nesses processos é tarefa importante para entender os campos culturais e os espaços sociais) ou funcione (ou não) como um fenómeno a ter em conta, necessário para explicar (mais ainda que para interpretar) processos sociais. Aí o espaço é vasto e complexo; e útil, desde o estudo da construção de um cânone em função de interesses políticos, culturais, sociais ou económicos (por exemplo, como projeto de construção nacional, identitária, ideológica/estética ou de classe) até a presença da literatura nos relacionamentos culturais e olhares sobre o/a Outra/o...

Vou referir-me a uma dessas dimensões e processos mais evidentemente vinculados e vinculáveis entre *literatura*, imaginários, práticas sociais e comunidades, a que podemos concretizar nas rotas ou nos itinerários literários, os espaços (e os tempos) literários, aqui, mais em concreto, espaços literaturizados; um assunto vinculado a outra esfera, o denominado “turismo cultural”, talvez menos prestigiosa e legítima para muitos

scholars que o cinema (que, também noutros espaços e tempos sofreu similares rejeitamentos); e manifestando à partida para esses *scholars* uma rejeição invocando eventuais banalizações e esquematizações: duas posições derivadas da mesma fonte dóxica do campo dos estudos literários. Este é o quadro interdisciplinar e, em parte, neo-disciplinar, do que podemos chamar estudos da cultura (não estudos culturais/cultural studies).

Espaços literaturizados e comunidades. Dous exemplos

Aracataca

Tomemos como primeiro exemplo um nome, Aracataca; provavelmente, esta povoação pouco dizia a muitas pessoas no mundo até 1967; ela foi tornando-se conhecida e progressivamente visitada anos depois; talvez, um dos últimos fatos até ao momento nessa vontade de conhecer tenha sido o falecimento, em abril de 2014, de Gabriel García Márquez, autor de *Cien Años de Soledad*, obra de que se calcula foram vendidas até ao presente mais de 30 milhões de cópias e traduzida para 38 idiomas, em dados de 2007 (cfr. BOYAGODA, 2007). A identificação de Aracataca com o Macondo do romance e o desenvolvimento de identificações entre o repertório³ do romance e o da cidade tem sido constante; recorrendo a uma das fontes mais massivas de informação internacional, a Wikipédia, podemos ler (cfr. “Cien años de soledad”):

La novela está ambientada en el pueblo de Macondo, lugar ficticio que refleja muchas de las costumbres y anécdotas vividas por García Márquez durante su infancia en su pueblo natal, Aracataca, en la Costa Caribe de Colombia (...). Las referencias de la novela ubican a Macondo en algún lugar de la Costa Caribe colombiana entre la Ciénaga Grande de Santa Marta y la Sierra Nevada de Santa Marta, zona correspondiente a los municipios de Ciénaga (Magdalena), Zona Bananera, Pueblo viejo y Aracataca (población de origen del autor).

Esta obra tem sido qualificada, juntamente com outras de autores latino-americanos, como de “realismo mágico” (cfr. por exemplo, VILLANUEVA e VIÑA, 1991; MENTON, 1998); neste conceito é portada já a componente de mistura entre elementos referenciais e fictivos que alimentam diversos modos de receção do texto e, por projeção, também do que pode ser interpretado

² Sugiro, para estes conceitos, a consulta de alguns trabalhos inseridos na página do grupo Galabra: grupogalabra.com

³ Utilizado aqui o conceito de repertório tal como desenvolvido por Itamar Even-Zohar (2000).

como referente local fundamental: Aracataca. O misto a que aludo nutre e alarga igualmente o conjunto de potencialidades atribuíveis à vila, porque um texto literário é plausível, precisamente pelo seu caráter fictivo, de funcionar em duas direções complementares: pode convidar a preencher com a imaginação o que o leitor percebe como lacuna; e, ao mesmo tempo, pode conduzir esse leitor a acreditar/duvidar/não acreditar no que diz respeito aos eventuais referentes do que lhe é contado. Deste modo, apela para imaginar mais e para crer saber mais sobre esses referentes; note-se o impulso do desejo, *realista*, de quem lê ou conhece para aprofundar ou participar do contado no texto; e o impulso do desejo, *ficcional*, de *imaginar* e *sentir* o espaço contado, duas vertentes dum mesmo rio. Em muitas ocasiões, isso pode surgir transido pela veneração ou atrativo sobre a escritora ou o escritor de referência (mais, em ocasiões, que pelas suas obras, HERBERT, 2001); se o texto, aliás, se apresenta como o misto a que aludíamos, o entrelaçamento destas duas vertentes e as potenciais confusões podem aumentar (sobre os atrativos de espaços literaturizados pode ver-se HERBERT, 1996 e 2001).

García Márquez constitui a referência internacional fundamental de Aracataca; mais uma vez, se se consultar “Aracataca” na wikipédia (“Aracataca”), logo encontramos nas primeiras linhas:

Aracataca es un municipio colombiano del departamento de Magdalena. Su nombre se ha hecho mundialmente célebre por ser la cuna del premio Nobel de literatura Gabriel García Márquez y del fotógrafo y caricaturista Leo Matiz Espinoza. Por sus historias se ha convertido en un símbolo y es uno de los pueblos más conocidos de Latinoamérica.

No verbete, a alusão a García Márquez surge em várias alíneas. Na de “Turismo y Comunicaciones”, lê-se, também à partida:

Aracataca tiene una fama mundial por las novelas que han sido basadas en la cultura e historia del pueblo. Gente de todo el mundo vienen a conocer la Casa Museo de Gabriel García Márquez, La Estatua de Remedios La Bella, La Casa del Telegrafista, La Tumba de Melquíades y The Gypsy Residence es el único hospedaje en Aracataca ha abierto en 2010 y también ofrece tures [sic] por el pueblo en que descubren a Macondo en el corazón de Aracataca.

Na de “Património Histórico” afirma-se, em relação à estação dos caminhos de ferro: “por muchos años no se ha usado pero el 28 de abril de 2011 se entregará a la comunidad para funcionar turísticamente en La Ruta de Macondo; una ruta que atraerá mas turistas, conociendo

el pueblo a través de las historias de Gabriel García Márquez” e alude-se à Casa Museo Gabriel García Márquez, “donde vivió el famoso escritor y ganador del Premio Nobel de Literatura”.

A imagem dada de Aracataca está penetrada das referências à obra e à figura de García Márquez. Mas não apenas a imagem; o seu uso também, o uso dos seus espaços e da sua cultura; e a reelaboração dos seus espaços e da sua cultura, afetando a política, a economia a sociedade; como se pode deduzir, a obra e a figura de García Márquez provocou reconfigurações nesta cidade, no tipo de visitantes e nos usos da cidade por parte de visitantes e locais, que conhecem determinados picos em função de circunstâncias diversas, desde comemorações a encontros. Aos poucos dias da morte de García Márquez, os meios informavam da afluência de pessoas à casa natal do escritor “decorada con mariposas y flores amarillas” (“Cientos de seguidores”) até converter-se “en el lugar de la región más visitada por colombianos y extranjeros seguidores del Nobel de Literatura”. *Americaeconomia*. com informava que a casa natal do escritor, “para los turistas, el resultado es bastante cercano al imaginario que evoca la lectura del libro publicado en 1967”, reforçando estas ideias com pessoas especializadas nos estudos literários: “Es el caso de Dunia Grass, maestra de Literatura Latinoamericana en Barcelona, España, y visitante del museo quien en entrevista con Xinhua destacó la importancia de este proyecto para quienes quieran acercarse y entender aún más la obra ‘Gabo’”, incluindo o seu depoimento:

Me parece un proyecto estupendo porque todo el que haya leído Cien Años de Soledad tiene una imagen de esa casa, de hecho, el origen de cien años de soledad fue un texto que se llamaba ‘La Casa’ que era la casa de los Buendía y todo lector tiene una imagen de esa casa, esto permite comprobar cómo era la realidad de García Márquez.

Do mesmo modo, o, na altura, prefeito de Aracataca, Tufith Hatum, reclamava as cinzas do escritor para depositá-las na sua vila natal.

Essa ressemantização do espaço geo-humano e geocultural que as ações de locais e visitantes propiciam conhece, no caso, um direto corolário político. Em 2006, o prefeito de Aracataca, Pedro Sánchez, (“quien veía en esa posibilidad la solución económica para los lugareños, pues la “volvería más turística”) tomou a iniciativa de realizar uma consulta popular para mudar o nome de Aracataca para Aracataca-Macondo que (“Aracataca no será Macondo”), dum censo próximo dos 22.000 votantes; requeria o voto favorável de 7.400 votantes; não os conseguiu; votaram 3.596 pessoas; 3.342 apoiaram a iniciativa, 236 votaram contra, e 18 votos

foram declarados nulos. Os dados são significativos, para interpretar os assuntos a que me venho referindo, também em termos de coesão social e identitária: existe um setor da população ativamente interessado, por esta via, em reconfigurar a sua imagem. Neste momento, uma área da vila no denominado Nuevo Barrio leva o nome do escritor (Urbanización Gabriel García Márquez⁴).

Santiago de Compostela, Caminho de Santiago. Paulo Coelho. *O diário de um mago*

Em comparação com Aracataca, a cidade de Santiago de Compostela é, historicamente, e mui provavelmente, mais conhecida no exterior do seu país do que Aracataca fora de Colombia. Um dos elementos talvez mais significativos vinculáveis à cidade é os Caminhos de Santiago e a catedral – santuário. Estes conheceram a partir da década de noventa do século XX um crescimento de peregrinação significativo (vid. “Peregrinos” e “Peregrinos Santiago”).

O diário de um mago (1987, primeira edição), juntamente com toda a classe de intervenções do seu autor, Paulo Coelho, vinculadas ao Caminho de Santiago, constitui um dos discursos de maior alargamento social sobre o Caminho de Santiago (com milhões de cópias vendidas do próprio texto, acessível desde há anos na internet), com o da Igreja Católica e de instituições internacionais como a UNESCO e a UE (cfr. TORRES FEIJÓ, 2011b; fundamentalmente p. 410-427). De igual modo que em espaços da cidade podem encontrar-se referências e estátuas dos Papas João Paulo II e Bento XVI, que visitaram a cidade nas últimas décadas, como também às distinções outorgadas pela UNESCO e a UE, há signos visíveis em Santiago comemorando o autor brasileiro e expressões políticas e institucionais de reconhecimento. Paulo Coelho obteve a mais alta distinção do Governo da Galiza, em 1999, a Medalha de Ouro da Galiza (“Decreto”). A Prefeitura da cidade denominou em 2008 uma rua com o nome do escritor, com que se pretendia reconhecer o seu “intenso labor” de divulgação e promoção de Santiago de Compostela e do Caminho através das suas obras (“El escritor brasileño Paulo Coelho”), tendo lugar o ato no dia 23 de junho, em cuja noite é tradição na Galiza a celebração de ritos de passagem ao solstício de verão, com fogueiras e atividades, algumas vinculáveis a cerimónias e crenças pagãs, o qual era destacado pelo próprio escritor em alguma entrevista (“La calle Paulo Coelho de Santiago”).

O aproveitamento político e institucional que acabo de expor implica o entendimento de que elementos do repertório de Coelho são vistos como positivos para os

interesses políticos de quem outorgou essas distinções, naturalmente.

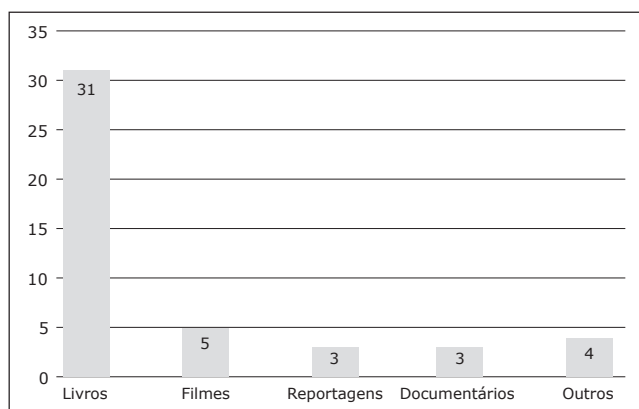
O fenómeno que *O diário de um mago* e Paulo Coelho representam tem muitas outras dimensões; ele provoca novas e diretas dinâmicas de atividade literária; no corpus brasileiro delimitado para o Projeto referido (desde 2008), e, como indica Carmen Villarino (2014), selecionando “aquelas obras que, na classificação das editoras, apareciam como obras de ficção⁵ (romances) etiquetadas como “Literatura Brasileira” ou “Literatura Nacional” (portanto, não tratando aqui qualquer outro texto traduzido nem narrativas breves ou outras temáticas como Relatos de viagens e aventura, não ficção, espiritualidade, turismo-guias de viagem, livros de arquitetura, de história, etc.)”, registram-se *O enigma de Compostela*, de A. J. Barros, publicado em 2009 na Geração Editorial, de São Paulo e *O descaminho de Santiago*, de Sílvio Pires, publicado em 2010 na Editora Limiar de São Paulo, além das reedições de *O diário de um mago*, publicado inicialmente em 1987.

A obra de Coelho atua também como referência para visitantes brasileiros à Galiza. No aludido Projeto, foram realizados 1.974 inquéritos presenciais na rua a pessoas procedentes da Espanha, Portugal, Brasil e a Galiza, 384 das quais residentes no Brasil, realizados todos os dias do ano, entre março de 2013 e março de 2014. Tomando como corpus o primeiro quadrimestre do estudo (em concreto, selecionando os dias de 23 de abril a 26 de julho de 2013) e focando os inquéritos a visitantes a Santiago de Compostela – observamos que, dos 66 respondidos por pessoas brasileiras, 42 delas o fazem positivamente à pergunta: “Viu ou leu algum livro/filme sobre o Caminho/Santiago de Compostela?” (1.3.2.4) e indicam o consumo de diferentes tipos de produtos culturais⁶:

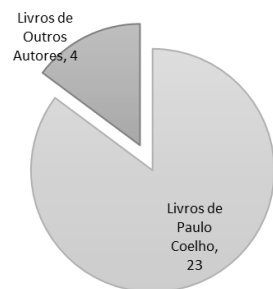
⁴ Como é possível supor, há mais rotas vinculadas à figura de García Márquez, alguma delas estreada recentemente: a de Cartagena de Indias (“Cartagena presenta ruta turística”).

⁵ Como tentei mostrar noutro lugar (TORRES FEIJÓ, 2014b), convém indicar que muitos textos sobre o Caminho de Santiago (o qual pode ser estendido a textos que falam de experiências pessoais ou de acontecimentos que têm como referente um espaço conhecido e reconhecido apresentados como auto-biográficos ou reais levam o leitor para importantes confusões. No caso que nos ocupa, ao tratar-se de experiências em que a religião e o sobrenatural perpassam a própria natureza dos elementos referenciais, o que pode ser oferecido como verdade ou como ficção não é facilmente distinguível. Assim, romances tendem a ser elaborados e a receber-se como manifestações verdadeiras; e relatos de viagem oferecem acasos inexplicáveis ou milagres aos seus leitores. O caso de *O diário de um Mago* é para muitos deles um exemplo relevante do que é lido como verdade apresentando-se, ambiguamente, entre o ficcional e o (auto-)biográfico. Estes fenómenos de mistura de planos foram comentados interessantemente como um *continuum* por Daniels e Rycroft (1993) a propósito de perspetivas antropológicas e diversos géneros narrativos.

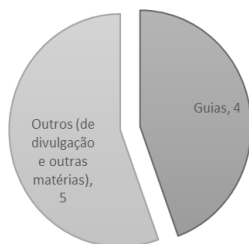
⁶ O cômputo total de referências excede o número de respostas positivas (à 1.3.2.4.) porque alguma pessoa indicou mais de uma referência de algum dos produtos.

Gráfico 1. Produtos culturais assinalados pelos visitantes brasileiros

Fonte: Elaboração Grupo Galabra.

Gráfico 2. Livros ficcionais citados pelos visitantes brasileiros

Fonte: Elaboração Grupo Galabra.

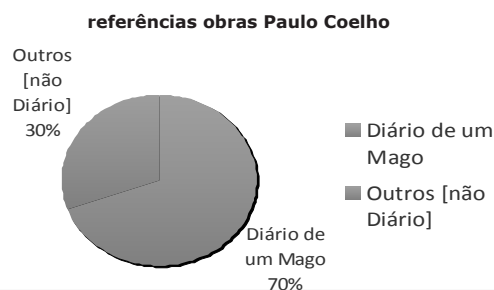
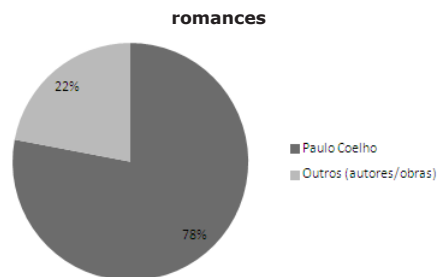
Gráfico 3. Livros não ficcionais citados pelos visitantes brasileiros

Fonte: Elaboração Grupo Galabra.

As 42 pessoas que respondem ter visto ou lido algum livro/filme sobre o Caminho/Santiago de Compostela citam, em algum caso, mais de uma referência, que mostramos no seguinte quadro:

Produtos Culturais	
LIVROS – Total	31
Ficção	26
De Paulo Coelho	23
<i>O diário de um mago</i>	16
<i>O alquimista</i> e outros	7
De outros autores (entre os quais Jorge Amado – Br., Saramago – Pt.)	4
Não ficção	9
Guias turísticos	4
Outros	5
AUDIOVISUAIS – Total	18
Ficção	11
Filmes	11
Não ficção	7
Reportagens	4
Documentários e tv	3
Total	49

Que tipo de livros referem?



Fonte: Elaboração Grupo Galabra.

Note-se que, com independência da confiabilidade ou não da resposta (e mesmo tendo em conta que, para algumas pessoas, afirmar a leitura de Coelho pode ser entendida como mostra de baixo capital cultural, por determinadas elites considerarem os seus textos secundarizados, atribuindo-lhes a consideração de baixa qualidade, pela índole de *best-seller* e popular, a que as elites literárias são refractárias como mecanismo de defesa das suas posições⁷) o facto significativo é que ele

⁷ Cfr. Filho (1999) ou Andrade (2004). A wikipédia também recolhia estas críticas e outras informações a este respeito, numa alínea sobre Paulo Coelho intitulada “Crítica” (“Paulo Coelho”) na sua versão espanhola: “A pesar de su éxito de ventas, es considerado por un sector de la crítica como un autor menor [nota-de-rodapé: Renée, Diana (22 de agosto de 2007). ‘Múltiple y polémico, Paulo Coelho cumple 60 años’. Argentina: Perfil. Consultado el 10 de febrero de 2011], debido principalmente a la simpleza de sus construcciones gramaticales, tomados, en su mayoría, de textos antiguos como la Biblia, Las mil y una noches, el Mahábhārata y el Ramayana. Para algunos, El alquimista sería una versión extendida de Historia de dos que soñaron, un cuento de Jorge Luis Borges, quien sí anota al pie: ‘Tomado de Las mil y una noches’. El ensayista y doctor en literatura Janilto Andrade publicó un libro titulado *Por que não ler Paulo Coelho* [nota-de-rodapé: Andrade, 2004], en el que hace una crítica nada generosa de El alquimista. Apunta a las contradicciones, los personajes mal contruidos, en definitiva, a la falta de coherencia [nota-de-rodapé: ‘Livro critica Paulo Coelho’ /hipervínculo a http://www.bonde.com.br/?id_bonde=1-2--13-20050104/ (en portugués). Londrina, Paraná, Brasil: Bonde (4 de enero de 2005). Consultado el 11 de febrero de 2011]. Clandestino Menéndez, en su libro *Cuadernos críticos*, hablando sobre *El alquimista*, hace mención a la falta de sentido del humor del autor y critica el hecho de que Coelho esté convencido de saber verdades [nota-de-rodapé: Clandestino Menéndez (2005). *Cuadernos críticos*: Madrid: Literaturas Comunicación, p. 228]. Asimismo el autor colombiano Héctor Abad Faciolince publicó un artículo, titulado ‘¿Por qué es tan malo Paulo Coelho?’ en el que criticaba, principalmente, la estructura simplista de la mayor parte de la producción literaria de Coelho, comparándola con las estructuras descritas en el estudio sobre las formas canónicas del cuento infantil llevado a cabo por Vladimir Propp [nota-de-rodapé: Esther Gloria (2004). *Paulo Coelho: los senderos del peregrino*. Madrid: Ojos de Papel. Consultado el 11 de febrero de 2011].

está presente esmagadoramente como referência para as pessoas do Brasil.

Os efeitos (mais ou menos diretos e indiretos) do texto e da atividade de Coelho como primeiro e principal promotor da realização do Caminho de Santiago para brasileiros é plural e vai desde o estabelecimento de pessoas do Brasil como alberguistas e hospiteiros, sobretudo no Caminho Francês (crescente nos inícios do século XXI; cfr. Paz), até a práticas vinculadas à sua obra no Caminho (por exemplo, nas páginas de 92 a 95 do livro⁸ é descrito um ritual que se relaciona com os templários acontecendo na antiga capela do castelo de Ponferrada, onde desde há alguns anos uma “Noite Templária” é celebrada; ou em Manjarín, sendo que algumas crônicas falam do “ritual de espadas” nele, tal como na obra de Coelho⁹; e a wikipédia ecoa estas práticas: “O escritor Paulo Coelho, em sua obra *O Diário de um Mago* (1987), descreve a cerimônia de iniciação de um cavaleiro templário em nossos dias, na capela deste antigo castelo” (“Castelo de Ponferrada” ou ao aparecimento de alguns souvenirs (e o souvenir tem potência identitária, além do seu impacto económico) em lojas de Santiago de Compostela, caso de figuras representando soldados Templários. E não apenas. Coelho invoca o seu texto como principal referência do Caminho, a partir do prólogo que acrescentou a *O Diário de um Mago* em 2001, “Quinze anos depois...”¹⁰ (cfr. TORRES FEIJÓ, 2011a, p. 423-424): “Fiz a peregrinação apenas uma vez –e mesmo assim, não a fiz por completo, terminei no Cebreiro e peguei um ônibus até Santiago de Compostela. Muitas vezes penso nesta ironia, o texto mais conhecido sobre o Caminho, neste final de milênio, foi escrito por alguém que nunca o fez até o final”.

O vínculo de Coelho não fica pelo Caminho Francês a Santiago; nos últimos anos, veio ser reutilizado no Brasil e algumas relações podem ser estabelecidas a partir do próprio texto: o narrador de *O Diário de um Mago* afirma ter feito previamente peregrinação ao Santuário de Aparecida do Norte, no Brasil (10)¹¹ antes de vir fazer o CS (Caminho de Santiago), de onde trouxe uma imagem sobre umas conchas (10) que acabará por deixar no túmulo

do Apóstolo Santiago, como se nos narra no significativo “Epílogo: Santiago de Compostela”: a última página do romance (p. 104).

A elaboração de Coelho em relação com o Caminho de Santiago pode ter tido e estar tendo efeitos igualmente nos espaços (públicos) do Brasil; em 2003 nasceu no Brasil o Caminho da fé, “inspirado no milenar Caminho de Santiago de Compostela (Espanha)”, “criado para dar estrutura às pessoas que sempre fizeram peregrinação ao Santuário Nacional de Aparecida, oferecendo-lhes os necessários pontos de apoio [“Caminho da Fé”]. “A idéia da sua criação ocorreu após um dos organizadores percorrer por duas vezes o conhecido caminho espanhol. Imbuído do propósito de criar algo semelhante no Brasil, convidou alguns amigos aos quais expôs seus planos, tendo recebido pronta acolhida dos mesmos”. Em diferentes pontos do Brasil foram constituídas associações de peregrinos vinculados ao Caminho de Santiago (<http://www.santiago.org.br/links-interessantes.asp>). Em 2006 foi criada a Associação Brasileira dos Amigos do Caminho da Luz, cuja inspiração é também a do Caminho de Santiago (chegam a usar a mesma sinalética de setas amarelas; vid. <<http://www.caminhodaluz.org.br/>>), “uma rota de peregrinação de aproximadamente 200 km que pode ser percorrida a pé em 7, 8 ou 9 dias”.

No caso da obra de Coelho estamos, pois, perante a literaturização e uso modelar de uma rota, em vários níveis e com diversos efeitos em grupos sociais ou comunidades; como no caso de Aracataca na (progressiva) literaturização dum espaço. A literatura mostra, nestas esferas, o seu pouso de prestígio: prestígio que projeta sobre os espaços concretos a que autor e/ou obra se vinculam, e que, por inerência, se transportam ao atrativo desses espaços e os seus usos consequentes; e o cálculo de que essa maior literaturização vai atrair visitantes mais exigentes (HERBERT, 1996, p. 77; e, provavelmente, com o correlato de maior poder aquisitivo e maiores despesas). Tanto está manifestando a literatura o seu prestígio ou, mais alargadamente e noutra dimensão, o reforço legitimador que ela pode projetar, que muitas pessoas que visitam esses espaços não tiveram como motivação fundamental o contato direto com a obra ou a figura do escritor em foco. Analisando alguns casos na França, conclui Herbert (1996, p. 84)

The case studies showed that for these places the concept of the dedicated artistic or literary ‘pilgrim’ found little support. Many kinds of people visit Cabourg, Pont-Aven and Auvers. They are by no means connoisseurs of literature or art and most have no detailed knowledge of the writer or artist. The evidence suggests that the large majority gain pleasure from their visit and although that pleasure derives from various sources, which include the opportunity

⁸ Cito pela edição em linha: <http://clubedasbruxas.webcindario.com/O_Diario_de_um_Mago.pdf>..

⁹ Vid., por exemplo, Gláucia e “Noche Templaria”, na Bibliografia.

¹⁰ Assinado no “Jardim Massey, Tarbes, França, dia 1 de junho de 2001” (idem, *O diário de um mago*, p. 3).

¹¹ As rotas de peregrinação habituais no Brasil e as novas que têm surgido (ou se têm reformulado) à raiz do que podemos chamar “o modelo do Caminho de Santiago” merecem uma análise mais pormenorizada que não procede neste trabalho. Vid., para a questão, Carneiro, 2004; Steil/Carneiro, 2008; Toniol, 2011. Convém assinalar que alguma especialização dos Caminhos brasileiros pode ser anotada em função do repertório dominante no caminho de Santiago; O da Luz mais virado para o lado telúrico, esotérico, de auto-ajuda; o da Fe religioso; o Caminho do Sol, o pioneiro desta classe, apresenta-se como treino (também para realizar o Caminho de Santiago) <http://www.caminhodosol.org/>; os “Passos de Anchieta” insiste mais do que os outros no caráter patrimonial da rota (<http://www.abapa.org.br/interna.php?pg=ospassos>).

to relax, to enjoy good company, to taste the ambience of a place and to ‘gaze’ at beautiful scenes, there is also for many the feeling that they have had some contact with a writer or artist and with the environments which they inhabited. Only minorities visited these places with a pre-existing sense of meaning or emotional attachment but many may have gained something of these attributes during their visit.

Encontramo-nos, assim, perante várias dimensões do literário, passíveis de serem historiadas e comparadas, com resultados provavelmente interessantes quanto à trajetória e à vida literária das diversas comunidades, como também aos processos de elaboração de coesões, identidades e atrativos; quero assinalar duas, apenas enunciando-as:

- a) Dimensão turística da literatura: atribui legitimidade e prestígio e há afã de desenhar rotas literárias (uma dimensão que, ainda que com alguma tradição, parece ainda estar por desenvolver-se globalmente como atrativo turístico e carácter massivo – James, 2013 –, e massificador)
- b) Dimensão diplomática cultural da literatura: o que ela tem a ver com o fluxo de pessoas e os olhares e consumos que elas produzem¹².

Certamente, as duas dimensões estão, em muitas esferas, realmente unidas e funcionam conjuntamente. O fenómeno turístico propicia encontros entre segmentos de comunidades (mais compacto no caso de quem recebe, mais individualizado no caso de quem chegam) e contribui para gerar imagens mútuas mutuamente elaboradas a respeito da comunidade receptora e da de origem.

O fenómeno do turismo e, mais alargadamente, do interesse por (e da crença em) o conhecimento@. Outr@ vinculado à literatura está propiciando mesmo regulações e atribuições de valor institucionais relativamente novidasas e que, por sua vez, incidem nas relações inter-comunitárias a que antes me referia. Nos últimos anos, a UNESCO impulsionou um programa e fixou estes critérios para as cidades candidatas à distinção de “cidade de Literatura”, que inclui também agentes envolvidos na atividade literária: (“What is the Creative Cities Network?”; “Do you have what it takes to become a UNESCO City of Literature?”)

- Quality, quantity and diversity of publishing in the city
- Quality and quantity of educational programmes focusing on domestic or foreign literature at primary, secondary and tertiary levels
- Literature, drama and/or poetry playing an important role in the city
- Hosting literary events and festivals which promote domestic and foreign literature;
- Existence of libraries, bookstores and public or private cultural centres which preserve, promote and disseminate domestic and foreign literature
- Involvement by the publishing sector in translating literary works from diverse national languages and foreign literature
- Active involvement of traditional and new media in promoting literature and strengthening the market for literary products.

Como pode ser observado, este tipo de fenómenos colocam-nos também diante de um conjunto de atividades (as ligadas à vida ou à obra de um escritor) que manifestam uma relevância económica notável; e, também, em muitos casos, relacional e identitária, com consequências na comunidade local, positivas ou negativas. De um ponto de vista genérico, essas atividades podem ser inseridas no quadro do que, desde há alguns anos, é denominado diplomacia cultural, no que diz respeito à relação de pessoas pertencentes a comunidades diferentes que esta classe de atividades propiciam. Lembremos que, neste tipo de contatos, há vários níveis, complexos e entrecruzados:

- a) O imaginário desenvolvido em relação ao conjunto geo-humano vinculado à obra ou à trajetória e biografia do autor.
- b) Os usos efetivos a que esse imaginário conduz
- c) A oferta e, em geral, as possibilidades de uso da comunidade local

Todos estes itens, naturalmente, estão configurados de maneira complexa; na produção de imagens, do que chamei agora imaginário, intervêm a receção, direta ou indireta, da produção do autor e da sua biografia e trajetória e apresentam diversidade de agentes. Sobre a base de trabalho empírico e relacional entre diversos corpus (discursos, imagens, práticas das pessoas) é possível estabelecer comparações de repertórios, capitais e habitus (cfr. PIERRE BOURDIEU, 1979) e tentar definir homologias de perfis de setores sociais, culturais, económicos que ajudem a entender os modos de receção e/ou de uso das ideias veiculadas nos textos.

Igualmente, noções como o autêntico e o verdadeiro podem ser abordadas. Por exemplo, no contraste entre as visões literárias dos visitantes e o resultado das suas visitas; ou entre a receção/imaginação do espaço (ou a sociedade, ou outros aspetos) através do texto literário e a receção do espaço mediado ou não polo discurso

¹² Joseph Nye, dedicado à ciência política, é considerado o teórico iniciador deste conceito de “diplomacia cultural”, a partir dos seus estudos de 1990 (*American Power*, New York, Basic Books) e 2004 (*Soft Power: The Means to Success in World Politics*, New York, Public Affairs), em que pretendia mostrar que os Estados Unidos da América não poderiam manter a sua posição mundial sobre a base da imposição militar, económica e política, e anotava a necessidade de recorrer a outras vias de relacionamento, na esfera do atrativo ideológico ou cultural. Neste sentido, Nye contrapõe o conceito de *soft power* ao de *hard power*, que basearia a política exterior na coerção ou na recompensa, frente às ações pertencentes ao *soft power*, tendentes a atrair outros países aos valores ou objetivos do país emissor através da cultura e da persuasão.

literário: o verdadeiro de quem visita vs. O verdadeiro da experiência de leitura, sejam quais forem, (novas) formas de leitura e de recepção que parece razoável e útil atender dentro dos estudos de literatura e sociedade, no quadro da literatura como processo social, entre outras cousas pelo seu peso na fabricação de ideias e na interpretação do outro, d@s Outr@s.

Um programa de análise de comunidades

São muitos e verdadeiramente variados os casos de uso de textos literários e escritores por parte de pessoas, agentes ou setores diversos. Uma rota literária é, entre outras cousas, uma proposta de realidade (primária e/ou secundária, apelando para a a imaginação realista ou ficcional e um modo, complexos, de entender a realidade. Em muitos desses casos, os espaços e as comunidades são ressemantizados e operam transformações nos hábitos e formas de vida locais; os expostos são dous claros exemplos disto. Nos dous, a literatura joga um papel fundamental nessa ressemantização e ajuda a entender modificações culturais, sociais, económicas e até políticas; mas também; permite interpretar e explicar questões relativas às coesões e aos conflitos; disposições e habitus de utentes, locais e visitantes; elementos básicos e periféricos que nutrem essas identidades e coesões; resiliências, resistências e adaptações dominantes. Deste ponto de vista, estudar a comunidade afetada a partir dos repertórios veiculados nos textos e dos seus usos potenciais e efetivos pode ser uma tarefa verdadeiramente útil; labor de componente antropológica, turística, sociológica, económica, histórica, geográfica, urbanística, política, isso tudo, sim, mas labor também de quem estuda a literatura e, ainda mais e especialmente, de quem entende a literatura como processo social e como parte da cultura.

Entendo que, neste tipo de pesquisas, um valioso programa de auto-análise pode abrir-se, com um programa de perguntas entrelaçadas, entre as quais aquelas que se referem a seleções e interesses: O que é selecionado (e o que é preterido) dos textos e das vidas dos autores? Para quem? Que é o que interessa aos agentes da comunidade transmitir e para quê? Como se encaixam os repertórios selecionados com os conjuntos repertoriais, identitários e de modos de vida da comunidade local? Como eles são encaixados polos agentes?. Que é o que interessa a quem visita através das propostas que lhe são feitas utilizando como veículo a literatura? Em que medida o seu olhar sobre a comunidade é reforçado ou modificado? Em que medida podem estar alicerçando ou transformando a comunidade local?

Os resultados obtidos serão valiosos porque têm incidência na comunidade; certamente, estas perguntas podem ser dirigidas ao conjunto de ideias e imagens

veiculadas através dos textos e dos autores (por exemplo, mediante a distribuição e a tradução); mas a análise do **uso** do escritor e dos seus textos (portanto, como meio e não como fim em si mesmo) permite e explicar determinadas recepções, funções atribuídas, funcionamentos sociais associados a textos e autores; e o rol e as leituras que agentes, setores ou o conjunto das comunidades fazem dos seus autores e textos, o que estas implicam para a comunidade nas práticas sociais associadas (que se solicitam aos que visitam) e no grau de adequação com os seus modos de vida. Através dele vão ideias, modos de ser, paisagens, territórios, formas de vida, história, língua, costumes, gastronomia, etc: eis a chave da fabricação de ideias a que antes me referia. E vão transmitidos em determinadas formas com determinados públicos alvo e concretos recetores reais.

Há, pois, todo um programa de análise de repertórios que deve incorporar uma forte e rigorosa base empírica, através de trabalho de campo com pessoas e grupos, mediante entrevistas quantitativas e qualitativas, observações participantes, grupos de discussão, etc., e desenvolvendo processos de classificação e objetivação derivados da Análise de Redes Sociais, da Análise do Discurso, da mineração de textos e, em geral, de Processamento de Linguagem Natural, dos corpora verbais utilizados (desde os textos até aos depoimentos de pessoas entrevistadas). Sem dúvida, uma sólida formação em estudos da literatura e trabalho com textos ficcionais pode ser mui útil para a análise e interpretação das ideias que eles veiculam e as suas potenciais recepções.

Doutro ponto de vista, as respostas obtidas apresentam um importante componente planificador, cujos resultados podem orientar a comunidade nas suas decisões; as respostas a essas perguntas podem contribuir para explicar dinâmicas sociais que, por exemplo, possam estar afetando a coesão da comunidade em termos benéficos ou prejudiciais para ela. As pessoas dedicadas à investigação podem, portanto, divulgar os resultados por meios acessíveis à comunidade e pensar em transferir e, no caso, aplicar os resultados das suas pesquisas; igualmente, pode abrir-se um espaço de intercâmbio com membros da comunidade a fim de trabalhar em direções de melhoras na qualidade de vida das pessoas a partir dos dados e as análises realizadas. Disciplinas como estas das Ciências Humanas estão necessitadas de pensar-se em termos dessa aplicabilidade e de Responsabilidade Social Investigadora: trabalhar com grupos e comunidades que possam beneficiar. Em definitivo, uma proposta de análise da literatura como meio para produzir conhecimento sobre comunidades, em várias e produtivas dimensões, nas relações entre as sociedades e a sua afetação desde instâncias políticas e institucionais; e uma proposta de trânsito para os estudos da cultura desde os estudos

tradicionais de literatura, cujo percurso pode oferecer explicações de relevância e interessantes transferências, além de ferramentas metodológicas de utilidade para a pesquisa nestes âmbitos.

Referências

- ANDRADE, Janilto. *Por que não ler Paulo Coelho?* Rio de Janeiro: Caliban, 2004.
- ARACATACA no será Macondo. *Elmundo.es*: cultura y ocio. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/elmundo/2006/06/26/cultura/1151307386.html>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- AZEVEDO, Sandra. *Relatos peregrinos*. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/relatos/relatos_sandra/sandra_6.html>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- BELLO VÁZQUEZ, Raquel. Sustainable identity: tourism as opportunity or menace: extracting parameters for the study of identity sustainability – proposals based on a case study in Santiago de Compostela. *V Critical Tourism Studies Conference*. Sarajevo 2013 (a publicar).
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.
- BOYAGODA, Randy. Gabriel García Márquez's sumptuous and tragic vision of the modern world. *Walrus magazine*, december 2007. Disponível em: <<http://thewalrus.ca/2007-12-books-2/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- CABO ASEGUINOLAZA, Fernando. The Spatial Turn in Literary Historiography. *CLCWeb: comparative literature and culture*, v. 13, n. 5, 2011. Disponível em: <<http://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol13/iss5/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 6, n. 6, p. 71-100, outubro de 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligião/article/view/2267>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- CARTAGENA presenta ruta turística sobre el mundo de Gabriel García Márquez. Disponível em: <<http://www.elpais.com.co/elpais/colombia/noticias/cartagena-presenta-ruta-turistica-sobre-mundo-gabriel-garcia-marquez>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- CIENTOS de seguidores. Disponível em: <<http://www.americaeconomia.com/politica-sociedad/politica/cientos-de-seguidores-de-gabriel-garcia-marquez-visitam-su-casa-museo-en->>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- COELHO, Paulo. *O Diário de um mago*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- COELHO, Paulo. *O diário de um mago*. Disponível em: <http://clubedasbruxas.webcindario.com/O_Diario_de_um_Mago.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- DANIELS, S.; RYCROFT, S. Mapping the modern city: Alan Sillitoe's Nottingham novels. *Transactions: of the Institute of British Geographers*, Malden, v. 18, p. 460-480, 1993.
- DECRETO 179/1999, do 17 de xuño, polo que se concede a Medalla de Ouro de Galicia a Paulo Coelho. Disponível em: <http://www.xunta.es/dog/Publicados/1999/19990621/AnuncioB0BE_gl.html>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- EL escritor brasileiro Paulo Coelho. Disponível em: <<http://www.20minutos.es/noticia/391543/0/coelho/calle/santiago>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- DISCURSOS, imagens e práticas culturais sobre Santiago de Compostela como meta dos Caminhos de Santiago do grupo Galabra da USC, subsidiado pelo Ministério de Economia e Competitividade, de referência FFI2012-35521, e polo Fondo Europeo de Desenvolvemento Regional 2007-2013 (FEDER). Disponível em: <<http://grupogalabra.com/investigacaoprojetos/99-discursos-imagens-e-praticas-culturais-sobre-santiago-de-compostela-como-meta-dos-caminhos.html>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Culture repertoire and the wealth of collective entities. In: DE GEEST, Dirk (Ed.). *Under construction: links for the site of literary theory – essays in honour of Hendrik Van Gorp*. Leuven: Leuven University Press, 2000. p. 389-403.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Culture as goods, culture as tools. In: EVEN-ZOHAR, Itamar. *Papers in Culture Research*, p. 9-14. Tel Aviv: Unit of Culture Research/Tel Aviv University, 2010, p. 9-14. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005_2010.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- GLÁUCIA, Cristina. Relatos peregrinos. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/relatos/glau_sp_03_no_caminho_02.htm>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- GRAMSCI, Antonio. *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Roma: Riuniti, 1996.
- HERBERT, David. Artistic and literary places in France as tourist attractions. *Tourism Management*, v. 17, n. 2, p. 77-85, 1996.
- HERBERT, David. Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, v. 28, n. 2, p. 312-333, 2001.
- JAMES, Benny. *Role of literature in the sustainability of the tourism*. Disponível em: <<https://bennykarinattu.wordpress.com/2013/08/23/role-of-literature-in-the-sustainability-of-tourism/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- LA calle Paulo Coelho de Santiago. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2008/06/23/actualidad/1214209049_850215.html>. Acesso em: 5 abr. 2014.
- LOTMAN, Yuri; USPENSKIJ, Boris. On the semiotic mechanism of culture. *New Literary History*, Baltimore, v. 9, n. 2, p. 211-232, 1978.
- MAESTRI FILHO, Mário José. *Por que Paulo Coelho teve sucesso?* Porto Alegre: AGE Editora, 1999.
- MENTON, Seymour. *Historia verdadera del realismo mágico*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- NOCHE Templaria. Disponível em: <<http://www.ponferrada.org/es/temas/servicios/noche-templaria-2014>>.
- NYE, Joseph. *American power*. New York: Basic Books, 1990.
- NYE, Joseph. *Soft power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- O FUTEBOL como um drama. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3315&secao=334>. Acesso em: 25 abr. 2014.
- PAZ, Acácio. HOSPITALEIROS BRASILEIROS. Disponível em: http://www.caminhodesantiago.com.br/albergue/noticias_acacio/hospitaleiros_brasileiros.htm. Acesso em: 5 abr. 2014.

PEREGRINOS. Disponível em: <<http://www.archicompostela.org/Peregrinos/Estadisticas/peregrinanos.htm>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

PEREGRINOS Santiago. Disponível em: <<http://peregrinos.santiago.es/eng/pilgrims-office/statistics/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

PUEBLO natal de Gabriel García Márquez reclama. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/ultimas/2014/04/18/pueblo-natal-de-gabriel-garcia-marquez-reclama-sus-cenizas-7423.html>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

STEIL, Carlos; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, jul 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100006>. Acesso em: 5 abr. 2014.

TONIOL, Rodrigo. O caminho é aqui: um estudo antropológico da experiência do Caminho de Santiago de Compostela em uma associação de peregrinos do Rio Grande do Sul, Brasil. *PASOS: revista de turismo e patrimonio cultural*, La Laguna, v. 9, n. 3, p. 69-82, mayo 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/881/88117628007.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Norma lingüística e (inter-)sistema cultural: o caso galego. In: CARRASCO, Juan M. et al. *Actas do Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – I Encuentro de Lusitanistas Españoles*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2000. p. 967-996.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Estudos literários, confiabilidade e perspectivas laborais. In: SILVA, João Amadeu; MARTINS, José Cândido; GONÇALVES, Miguel (Coords.). *Pensar a literatura no século XXI*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2011a. p. 241-256.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Discursos contemporâneos e práticas culturais dominantes sobre Santiago e o Caminho: a invisibilidade da cultura como hipótese. In: LOURENÇO, António Apolinário; SILVESTRE, Osvaldo Manuel (Coords.). *Literatura, espaço, cartografias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011b. p. 391-449.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Problems in national allegory: the galician (and brazilian) questions in contemporary portuguese

literary historiography. *Portuguese Studies*, v. 28, n. 1, p. 5-31, 2012.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Reorientação dos estudos literários para a aplicabilidade e a transferência: da feitiçaria para a medicina e os capitais em jogo. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL; II FÓRUM LATINO-AMERICANO DE PESQUISADORES DE LEITURA, 9 a 11 de maio de 2012, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013a. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Palestras/feijo.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

TORRES FEIJÓ, Elias J. Sustainable identity. Tourism as opportunity or menace. In: V CRITICAL TOURISM STUDIES CONFERENCE, 2013b, Sarajevo (a publicar).

TORRES FEIJÓ, Elias J. A questão africana na historiografia literária portuguesa e a sua confiabilidade: o caso da *História da Literatura Portuguesa* de António J. Saraiva e Óscar Lopes. *Guavira Letras*, Três Lagoas, 2014a (a publicar).

TORRES FEIJÓ, Elias. Autor, texto e espaço geo-cultural mediatizado: processos de ressemantização, banalização e misturação de géneros em produtos sobre o Caminho de Santiago. In: QUINTERO, Sílvia; BALEIRO, Rita (Eds.). *Lit & Tour: ensaios sobre literatura e turismo*. Lisboa: Húmus, 2014b. p. 291-310 (a publicar).

VILLANUEVA, Darío; VIÑA, José María. *Trayectoria de la novela hispanoamericana actual: del “realismo mágico” a los años ochenta*. Madrid: Espasa Calpe, 1991.

WHAT is the Creative Cities Network? Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/creativity/creative-cities-network/about-creative-cities/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

DO you have what it takes to become a UNESCO City of Literature? Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/creativity/creative-cities-network/literature/>>. Acesso em: 5 abr. 2014.

Recebido: 30 de abril de 2014
Aprovado: 06 de junho de 2014
Contato: eliasjtorres@gmail.com